

PESQUISA SOBRE O ESTADO DA ARTE EM SOCIOLINGUÍSTICA

Nilvana Gomes Tavares¹
Angélica Somavilla²
Giulia Zulzle³

RESUMO

À luz do conhecimento da sociolinguística variacionista, identifica-se que nesse campo há muito que desenvolver e que está em constante crescimento, assim como a língua está em constantes transformações, lenta, mas contígua. Dessa maneira, os artigos aqui abordados, trataram de forma unânime a questão do preconceito e como tal, ainda se percebe nos livros de gramáticas, no discurso, dentro de uma comunidade que acredita ter uma única língua; mas é evidente que não existe um monolingüismo. Outro conceito é ressaltar o indivíduo e considerá-lo dentro desse panorama, um ser capaz de modificar sua língua. Fato esse que em crianças, já se encontra enraizado e põe dentro da sociedade, a sua capacidade de receber essa variação linguística e dela participar.

INTRODUÇÃO

Nesse artigo, busca relatar os trabalhos realizados, sobretudo no campo da sociolinguística, uma vez que autores abordados aqui tiveram a mesma sensação de que nesse conhecimento ainda se tem muito a crescer. Como pode ser constatado nos trabalhos de Lorandi (2013) e de Carmo e Tenani (2013).

¹ Acadêmica do curso de Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas – UDC. E-mail: nilvana_sc@hotmail.com

² Acadêmica do curso de Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas – UDC. E-mail: angelika_sti@hotmail.com

³ Acadêmica do curso de Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas – UDC. E-mail: giuliazulzle@hotmail.com

[Digite texto]

Portanto, o presente trabalho vem a ressaltar, através do *estado da arte*, para tomar ciência dos trabalhos científicos que são realizados e contribuindo, portanto, na melhoria do ensino acadêmico, acrescentar no campo de pesquisa e científico e aprimorar a educação tornando-a sensível às mudanças na qual estão em constantes transformações.

Sendo assim, aplica-se uma postura reflexiva dos trabalhos pesquisados “em rever e analisar criticamente o que vem sendo produzido na área e em buscar caminhos para seu contínuo aprimoramento” (ANDRÉ, 2001, p. 52).

Foram analisados e descritos brevemente oito artigos, a constar: (i) *Contribuições da sociolinguística ao ensino do português em comunidades bilíngues do norte do Uruguai* (2010); (ii) *Uma reflexão crítica sobre a teoria da sociolinguística* (2010); (iii) *Notas sobre a presença de Mead na obra de Habermas* (2013); (iv) *Aquisição da variação: A interface entre a aquisição da linguagem e variação linguística* (2013); (v) *Contribuições para o aprimoramento da Provinha Brasil enquanto instrumento diagnóstico do nível de alfabetização e letramento nas séries iniciais* (2013); (vi) *Interferência da língua falada na escrita de crianças: processos de apagamento da oclusiva dental /d/ e da vibrante /r/* (2009); (vii) *As vogais pretônicas na variedade do noroeste paulista: uma análise sociolinguística* (2013) e (viii) *Língua, discurso e política* (2009). Na qual foi realizada uma pesquisa no site *Scielo* entre os dias 25 a 28 de maio de 2014.

Obtivemos os artigos através dos descritores selecionados: (i) sociolinguística; (ii) sociolinguística interacional; (iii) variações linguísticas; (iv) variações da fala; (v) dialetos e (vi) preconceito linguístico. Dentre essas nuances, encontramos *sociolinguística* (7 artigos) e *preconceitos linguísticos* (1 artigo). Para a pesquisa, como critério, foi selecionado o período dos artigos registrados entre 2009 a 2014.

Entende-se, no entanto que os artigos relatados apresentam ideias parecidas, mesmo cada um com suas particularidades, observa-se que as autoras Freitag, Almeida e Rosário (2010) trabalharam com crianças de idades relativas a que a autora Lorandi (2013) selecionou para o estudo, visto que essas crianças fazem parte do contexto de modificação da língua e trata-as como coadjuvantes dessa variação linguística a que objetivam seus estudos.

O autor de *Notas sobre a presença de Mead na obra de Habermas* (2013) trabalha com esse indivíduo dentro da sociedade e interage com o mundo, bem como a autora Carvalho (2010), no seu trabalho *Contribuições da sociolinguística ao ensino do português em comunidades bilíngues do norte do Uruguai* também vê esse indivíduo socializado em uma variação linguística e propõe uma pedagogia sensível às mudanças da língua, acabando de vez com o preconceito linguístico, preconceito este também abordado no trabalho *Uma reflexão crítica sobre a teoria da sociolinguística* (2010) e *Língua, discurso e política* (2009).

De cunho mais técnico, mas no campo da sociolinguística, têm-se os trabalhos *Interferência da língua falada na escrita de crianças: processos de apagamento da oclusiva dental /d/ e da vibrante /r/* (2009) e *As vogais pretônicas na variedade do noroeste paulista: uma análise sociolinguística* (2013) que têm os indivíduos como seu objeto de estudo e analisam/pesquisam para concluírem sob os aspectos da língua.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

A respeito da metodologia abordada no artigo *Contribuições da sociolinguística ao ensino do português em comunidades bilíngues do norte do Uruguai* (2010)⁴ observamos uma análise descritiva dos dados coletados entre os entrevistados.

O objeto de estudo da autora fundamenta-se nos teóricos para descartar o mito do monolingüismo no intuito de propor práticas pedagógicas na variação dialetal nas comunidades que foram realizadas as suas pesquisas com objetivo final de uma pedagogia sensível às diferenças sociolinguística.

O artigo foi fundamentado em diversos teóricos, no entanto, descrevemos os mais relevantes para a pesquisa da autora: Behares, Elizaincín, Labov, Martínez. As palavras-chave identificadas no artigo são: português uruguai, espanhol fronteiriço, bilinguismo, variação e sociolinguística.

⁴ Ana Maria Carvalho – Associate Professor, Department of Spanish and Portuguese, University of Arizona. Estados Unidos da América. anac@u.arizona.edu
[Digite texto]

Na pesquisa de Camacho (2010) *Uma reflexão crítica sobre a teoria da sociolinguística*⁵ é realizado estudo das variantes linguísticas dentro da área da sociolinguística propondo através de Eckert, um novo conceito de variável linguística, sendo assim dividido em três ciclos analíticos: (i) *estudos variacionista*: pesquisa lançada por Labov que estabelece uma correlação entre as variáveis linguísticas e categorias sociais primárias (escolaridade, classe socioeconômica, idade etc.); (ii) *estudos etnográficos*: estudos que englobam comunidades menores por um período mais longo, tendo por objetivo descobrir as categorias sociais mais dominantes naquela localidade; (iii) *prática estilística*: Eckert conecta o uso das variáveis individuais à formalidade ou informalidade da situação, sendo usado como recurso para a construção do falante no meio social.

Pesquisa essa que o autor aborda os teóricos: Chambers, Martinet, Ferdinand Saussure, Chomsky, Bakhtin, Labov, Du Bois, Kay e McDaniel, Romaine, Sankoff, Garcia, Tarallo, Eckert, Belfast, Milroy. E as palavras-chave foram: sociolinguística; regra variável; axioma da categoricidade; formalismo; funcionalismo.

Já no trabalho de Penitente (2013) *Notas sobre a presença de Mead na obra de Habermas*⁶ utiliza-se da sociolinguística interacional para explicar a individualização e a socialização do indivíduo a partir dos estudos de George Hebert Mead, colocando em foco a relação intersubjetiva do indivíduo que através da comunicação reconhecem e socializam-se.

Neste trabalho, o autor utilizou os teóricos: George Hebert Mead, Habermas, Araújo. E são identificadas as palavras-chave, como: identidade; linguagem; interação; sociolinguística; individuação; socialização.

Podemos identificar no artigo *Aquisição da variação: A interface entre a aquisição da linguagem e variação linguística* (2013)⁷ um estudo expositivo a fim de apresentar um referencial teórico visto ser pouco explorado no que tange a pesquisa brasileira.

Foram coletados dados para análise pertinente ao assunto de aquisição da linguagem e a sociolinguística variacionista. Essa coleta de dados foi realizada com

⁵ Roberto Gomes Camacho – Universidade Estadual Paulista - São José do Rio Preto

⁶ Luciana Aparecida de Araújo Penitente – Possui Doutorado em Educação pela UNESP “Júlio de Mesquita Filho” e Pós-Doutorado pela Fundação Carlos Chagas (2013). É professora Assistente Doutora do Departamento de Didática da Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP de Marília.

⁷ Aline Lorandi – UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa. Bagé – RS – Brasil. 96413170 – alinelorandi@unipampa.edu.br

[Digite texto]

crianças na qual eram conhecidas da entrevistadora e as atividades foram feitas sob dois aspectos: (i) de âmbito mais informal, tais como brincadeiras visando a fala espontânea, e (ii) mais formal como o ato de contar história e identificação de figuras.

O artigo apresenta muitos teóricos, visto que a autora faz um estudo analítico concernente ao assunto em voga, mas, citamos os principais que serviram de base para seu estudo: Roberts; Labov; Scherre; Naro. Identificam-se nesse artigo as palavras-chave inerentes ao assunto abordado, tais como: aquisição da variação; sociolinguística; concordância verbal.

No método do artigo *Contribuições para o aprimoramento da Provinha Brasil enquanto instrumento diagnóstico do nível de alfabetização e letramento nas séries iniciais* (2013)⁸ as autoras Freitag, Almeida e Rosário fizeram coleta das narrativas em duas etapas, simultaneamente a Provinha Brasil de 2011, com amostras orais e escritas. Essas narrativas orais e escritas a partir de uma história não verbal, com enfoque ambiental, da personagem Chico Bento, de Maurício de Sousa (2011). Participaram dessa coleta 30 alunos do 2º ano com faixa etária de 7 e 8 anos, dos quais 12 estiveram presentes em todas as fases da pesquisa. Foram obtidos 12 textos escritos e 7 orais, uma vez que 5 crianças não estavam predispostas a contar as histórias por motivos pessoais, tais como problemas familiares e timidez.

Para este trabalho foram utilizados vários teóricos, porém, nos atemos nos principais: Critofoloni, Almeida, Esteban, Heilmann e Labov. As palavras-chave encontradas: provinha Brasil; competência narrativa; competência sociolinguística; formação docente.

No trabalho *Interferência da língua falada na escrita de crianças: processos de apagamento da oclusiva dental /d/ e da vibrante /r/* (2009)⁹ foram selecionadas duas escolas para serem analisadas. O Centro Social Félice Pistoni e o Colégio Maria Ester. As duas possuem mais de uma turma em séries do Ensino Fundamental (3º ano, 4º ano e 5º ano) para aplicar o instrumento de pesquisa em

⁸ Raquel Meister Ko Freitag; Ayane Nazarela Santos Almeida; Mônica Maria Soares Rosário, respectivamente – doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), é professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Aracaju, Sergipe, Brasil. rkofreitag@uol.com.br; doutoranda em Letras e Linguística na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, Alagoas, Brasil. ayanesantos@hotmail.com; mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) é professora da educação básica da Rede Pública Municipal de Aracaju-SE, moniclingua@hotmail.com

⁹ Socorro Cláudia Tavares de SOUSA – Universidade Federal do Ceará

[Digite texto]

dois grupos com instrução direcionada e sem instrução. Uma escola da rede pública e outra privada, mas sem intenção de se considerar o fato.

A orientação pedagógica constituiu em explicar para os alunos que alguns sons (a dental /d/ e a vibrante final /r) não são pronunciados na fala, embora sejam representados graficamente. A partir destas pesquisas, foi possível obter algumas hipóteses: (i) hipótese 1 – a variável /no/ realiza-se mais em palavras polissílabas do que em palavras dissílabas; (ii) hipótese 2 – a variável /no/ realiza-se mais em turmas com menos nível de escolaridade; (iii) hipótese 3 – a variável /no/ realiza-se mais em meninos do que em meninas; (iv) hipótese 4 – a variável /no/ realiza-se mais em turmas que não receberam orientação pedagógica. Para colherem os dados e chegar às hipóteses foram escolhidos vocabulários inerentes ao estudo.

Nesse estudo, optamos por colocar alguns teóricos, ressaltando os de maior relevância: Bagno, Coutinho, Callou e Mollica. Identifica-se, portanto, as palavras-chave: cancelamento; língua falada; escrita; sociolinguística.

No artigo *As vogais pretônicas na variedade do noroeste paulista: uma análise sociolinguística* (2013)¹⁰ foi realizado coletas de dados através de bancos de dados existentes na qual constitui de 38 entrevistados do Projeto ALIP – Amostra Linguística do Interior Paulista – (FAPESP 03/08058-6), realizado no IBILCE/UNESP.

Há no banco de dados dois tipos de amostras: (i) Amostra Censo, e (ii) Amostra de Interação Dialógica. No primeiro quesito são coletadas fala espontânea com controle social (sexo/gênero; faixa etária; escolaridade; renda familiar). No segundo quesito foram coletados amostras de fala em situações de interação sem controle de perfis sociais.

Para a pesquisa estudada neste artigo, foram considerados os relatos dos participantes apenas as *narrativas de experiência pessoal*.

As autoras utilizam como referencial teórico os estudos de Bisol, Collischonn, Chambers, Abaurre-Gnerre, Labov entre outros. Identificam-se no artigo as palavras-

¹⁰ Márcia Cristina do Carmo; Luciani Ester Tenani, respectivamente – Doutoranda em Estudos Lingüísticos. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Pós-graduação em Estudos Lingüísticos. São José do Rio Preto – SP - Brasil. 15020-020 - ma_crisca@yahoo.com.br; UNESP – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários. São José do Rio Preto - SP - Brasil. 15054-000 - lutenani@ibilce.unesp.br
[Digite texto]

chave: variação linguística; sociolinguística quantitativa; fonologia; vogais médias pretônicas; alcamento vocálico.

O último artigo citado nas pesquisas *Língua, discurso e política*¹¹ elaborado por Fiorin (2009) utiliza da metodologia descritiva. Dessa forma o artigo aborda sobre política e também as quatro relações entre política, discurso e língua. Bathes coloca a língua como objeto de poder transmitidos através dos discursos e também da política, colocando em ênfase que a língua não se mantém neutra, servindo tanto para a inclusão quanto para a exclusão dos usos linguísticos.

Nesse trabalho, abordaram-se os teóricos: Saussure, Roland Barthes, Bakhtin, Faraco, Orwell, Klemperer. E as palavras-chave são: poderes; silenciamentos; circulação dos discursos; preconceito linguístico; deslocamentos linguísticos.

BREVE DESCRIÇÃO DOS ARTIGOS

Sob a perspectiva da sociolinguística, pode ser observado em alguns trabalhos o mesmo ponto de vista que muito precisa ser discutido nesse conceito. Os artigos *Contribuições da sociolinguística ao ensino do português em comunidades bilíngues do norte do Uruguai* (2010) e *Uma reflexão crítica sobre a teoria sociolinguística* (2010) abordaram em comum assunto no que tange ao preconceito da variação linguística. Neste último artigo, são discutidos assuntos que abordam as mais diversas variantes linguísticas, colocando em foco a variante linguística da elite, “norma culta” que determinam somente seu próprio dialeto como o correto, deixando clara a ação de preconceito, transformando dessa variedade da língua um instrumento de poder sobre as demais variantes.

Essa variante da norma culta corresponde a uma tentativa de homogeneizar toda uma sociedade, desrespeitando o contexto social de cada indivíduo e as

¹¹ José Luiz Fiorin – É mestre e doutor em Letras (Linguística) pela Universidade de São Paulo. Fez pós-doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris) (1983-1984) e na Universidade de Bucareste (1991-1992). Atualmente é Professor Associado do Departamento de Linguística da FFLCH da Universidade de São Paulo. Foi membro do Conselho Deliberativo do CNPq (2000-2004) e Representante da Área de Letras e Liguística na CAPES (1995-1999).

[Digite texto]

diversas variedades linguísticas que cada um possui, tornando apenas a variante da elite como a responsável por uma língua materna única e imutável.

A existência das variações linguística refere-se à necessidade do homem em comunicar-se com outros indivíduos. Dessa forma o artigo cita o preconceito linguístico como forma de negação dessa diversidade das variedades linguísticas, tendo elas como algo indesejável.

Coloca-se, então, que a dificuldade dessa aceitação das variantes, está engessada na psique do homem, ajudando ainda mais na redução dessa diversidade da língua que está sempre em favor do “correto”, o dialeto padrão, citando como prova desse massacre para com as variantes os dicionários e livros de gramáticas, que são inseridas nas escolas como forma única e imutável da língua para o ensino homogeneizado.

O autor Camacho (2010) coloca um ponto criticando os próprios linguistas que não conseguem fugir dessa homogeneização da língua, já que eles próprios seguem uma concepção de normas desenvolvidas pela elite, os gramáticos.

A sociolinguística surgiu então, como forma de contribuição para essas ideias epistemológicas, sendo assim, a sociolinguística variacionista representou uma ruptura com o formalismo, através do conceito de variável linguística que estuda os mais diversos tipos de linguagem como forma de comunicação, inseridos em uma sociedade.

Já no primeiro artigo citado de Carvalho (2010), *Contribuições da sociolinguística ao ensino do português em comunidades bilíngues do norte do Uruguai*, foi realizado um trabalho em uma comunidade bilíngue em que é clarividente a estigmatização da variação não padrão. Faz uma discussão pedagógica atentando para os fatores sociolinguísticos das localidades fronteiriças como as cidades do Uruguai: Rivera, Artigas, Cerro Largo e Chuí; mantendo as duas primeiras cidades como repertório de seu estudo.

Essas cidades que apresentam o bilinguismo social, o idioma que está em desvantagem – português – sofre uma estigmatização, e o espanhol é o idioma correto a ser usado.

Através dos estudos realizados, a autora propõe em primeira etapa, o processo descritivo dessas comunidades que servirão de subsídios de estratégias

pedagógicas. É proposto sob duas circunstâncias: multidialectalismo – variação interna da língua, e como bilinguismo – a escolha do idioma como fatores sociais.

Ainda a autora faz uma análise reflexiva que além desses falantes falarem um bilinguismo em desvantagem em seu país, essa comunidade fala um português uruguai (não padrão ao português brasileiro) e um espanhol do sul do país (em que o correto seria o idioma-padrão de Montevidéu); portanto, conferindo um *status* de portunhol, ou seja, serem rotulados negativamente. Isso reforça a ideia do “purismo”, o português como língua minoritária e falado fora de sua fronteira nacional.

Deteta com os estudos a questão de preferência de acordo com a faixa etária, a autora cita Waltermire (2006) em uma análise variacional em que o /d/ de Rivera é oriundo do português e de preferência dos homens mais velhos e de classe social inferior. Em contrapartida, o espanhol é usado nas classes mais altas, mulheres e jovens.

Ainda defende a noção bakhtiniana que *descarta* uma visão unitária de língua e enfatiza a justaposição bilíngue. Pelos idiomas serem parecidos torna-se amalgamados dando vaso à convergência linguística diferentemente dos dialetos monolíngues. Uma frase que a autora explicita o caso é essa “*Ter fio homi é mais fácil pa um, não é?*” (CARVALHO, 2010, p. 52), em que a expressão *um* está mais para o espanhol e são resultantes do contato linguístico.

Como se observa esses fatos vem a ressaltar que a autora Carvalho (2010) teve a mesma conclusão que Camacho (2010) de que a língua elitizada se sobressai às demais variantes, e nesses lugares fronteiriço acaba que não tendo uma pedagogia sensível a essas variações assim como no Brasil, onde pouco se discute as variantes linguísticas.

No entanto, detectam-se outras pesquisas de cunho mais técnico, mas que todos abordam a sociolinguística variacionista e alguns conceitos vão se diferenciando no tocante a cada particularidade de que se trata. Porém, um dos artigos pesquisados, optou-se pela descrição: *Notas sobre a presença de Mead na obra de Habermas* (2013). Na qual explana descritivamente o indivíduo dentro de uma sociedade, no entanto, interliga essas ideias a outros artigos, descrevendo esses indivíduos participantes dentro de uma comunidade.

Relata as ideias de George Hebert Mead que se referem à criação da identidade de cada indivíduo dentro da sociedade, a criação do “eu” como forma de individualização e socialização humana.

Dessa forma, Mead serve como base para os estudos de Habermas que busca através dele, algo que possa colaborar com sua própria teoria chamada: *Teoria da Ação Comunicativa*, abordando a linguagem como médium facilitador entre os sujeitos. Sendo possível assim o indivíduo através do “eu” identidade transformar-se em sujeito socializado com sua própria visão subjetiva do mundo a partir de seu entendimento sobre a língua e interação.

O homem com identidade não apenas vive, mas está inserido em uma sociedade convivendo com os demais, assim sendo, temos a língua como forma de interação entre indivíduos socializados que a cada dia apresentam novas formas de comunicação.

Explica que a interação entre EU+TU= NÓS transformam-se em comunicação e desse contato gera uma compreensão entre uma sociedade inteira que permite a interação do convívio em sociedade, que compartilham de ideias, sentimentos, emoções, objetivos e sonhos, pois através dessa comunicação surge a identidade da pessoa e consequentemente a aprovação social, já que ambos compartilham desses objetivos de vida.

Segundo estudos da linguagem citados no artigo, o homem interage com o mundo a partir de quando consegue atribuir a ele um sentido, por isso se faz necessário uma comunicação ativa para a compreensão desse sentido.

Dessa forma, propõe um estudo desse comportamento que envolve desde o uso pragmático da linguística até a compreensão subjetiva de cada indivíduo dentro dessa inter-relação de diálogo entre eles.

No decorrer do artigo Habermas coloca que no mundo há uma ligação entre cultura, personalidade e linguagem que se manifestam linguisticamente, tratando isso como intersubjetividade entre os sujeitos que compartilham de emoções, diálogo e sentidos, sendo necessário desenvolver no mundo da vida uma ética para que seja possível acontecer à socialização e interação.

É nesse processo que se conclui que a espécie humana desenvolveu e evoluiu-se juntos, pois um é complementar ao outro. Sendo assim, para Habermas a identidade do “eu” não pode ser mostrada como propriedade do sujeito, pois a sua

própria compreensão ética é uma exigência representada por alguém que possui um poder maior de voz.

Convém, portanto, explicitar que sobre esse “indivíduo” que a autora Penitente (2013) aborda é uma visão em que outros trabalhos de pesquisa têm contribuído, em que criança de 5;9 já faz parte desse processo linguístico e colocam como modificadores desse sistema.

Conforme mencionado, os trabalhos mais técnicos são *Aquisição da variação: a interface entre aquisição da linguagem e a variação linguística* (2013) e *Interferência da língua falada na escrita de crianças: Processos de apagamento da oclusiva dental /d/ e da vibrante /r/* (2009) na qual estudam a língua falada das crianças.

Nesse último trabalho mencionado, o objetivo geral tem como investigar em que medida se dá a intervenção da fala na escrita, tendo como pontos de referência os fatores linguísticos e extralinguísticos.

Relata o apagamento da oclusiva dental /d/ em final das palavras como “estudando”, “pensando”, é um resultado de processo de assimilação do fonema /d/ pelo fonema /n/ no português do Brasil. Ou seja, há uma assimilação do /d/ pelo /n/ para haver um apagamento do fonema /d/.

Coutinho (1976) apresenta em particular seu preconceito linguístico ao apresentar o português do Brasil. Segundo ele “essas formas profundamente alteradas, esse vocabulário comum e rústico, essa construção viciadíssima, que caracterizam o falar do nosso roceiro, estão a atestar, em grande parte, a sua procedência africana, indiana ou afro-indiana”.

Já Bagno (2000) afirma que “a assimilação foi uma força muito ativa na história da formação da língua portuguesa tal como a conhecemos, e que ela continua em plena atividade nos dias de hoje, produzindo lenta, mas ininterruptamente a língua portuguesa dos próximos séculos”.

O pacote VARBRUL selecionou três variáveis estruturais e três variáveis sociais, a saber: (i) classe de palavras; (ii) extensão do vocabulário; (iii) contexto fonético-fonológico seguinte; (iv) anos de escolarização; (v) faixa etária e (vi) sexo.

O artigo em questão relata o resultado de seu objeto de pesquisa de Martins (2004) em que mostra de forma evidente que o apagamento dental /d/ não pode ser compreendido como uma variação aleatória ou como um descuido da pronúncia,

mas como um fenômeno que está condicionado por fatores de natureza linguística e extralinguística que favorecem ou desfavorecem tal realização.

O fenômeno do apagamento da vibrante final /r/ não é um fenômeno recente. Durante muito tempo esse fenômeno esteve relacionado com o falar das classes sociais mais baixas. Também de que o cancelamento fosse resultante da fala dos indígenas e africanos sobre a nossa língua.

O trabalho de Callou, Leite e Moraes (2002) objetivaram estabelecer como se dá a distribuição das variantes do /r/ em posição pós-vocálica, medial e final, em cinco capitais do Brasil (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife), e também se há indícios de mudanças decorrentes da graduação etária e da distinção de gênero (masculino e feminino).

No conteúdo do artigo *Aquisição da variação: a interface entre aquisição da linguagem e a variação linguística* (2013) tem o objetivo de apresentar um referencial teórico concernente à aquisição da linguagem em crianças e trata-as como seres participantes e modificadores da variação linguística.

Observamos uma pesquisa de coleta de dados entre duas crianças (9;1 e 5;9 de sexo feminino e masculino, respectivamente), já que o objetivo é situar a criança como membro da comunidade de fala e participante ativo na manutenção e mudança vocabular.

Muitos outros teóricos de que o artigo se baseia realizaram pesquisas em adultos, Scherre e Naro (1998), no entanto, pode-se observar a variação linguística internalizada já em crianças de 5;9, conforme os dados coletados.

A autora também comenta que Roberts (2002) afirma que o estudo da variação linguística em crianças é novo no campo da Sociolinguística, e também as muitas pesquisas realizadas em adultos vêm contribuir para pesquisas em crianças.

A partir dos comentários da autora, faz uma breve explanação das metodologias utilizadas no estudo da variação linguística. Por exemplo, um estudo realizado a partir da Teoria da Variação consta que a descrição e explicação são fundamentais a uma pesquisa científica, “[...] à medida que minimiza princípios explicativos e dá conta dos dados de forma mais geral” (GUY; ZILLES, 2007, p.43).

Em um primeiro momento estuda-se a variável determinante. O segundo, e importante, é um estudo sobre a comunidade a ser analisada, e com isso, surgirão

outra variáveis independentes (sociais, econômicas e culturais). Também a autora Lorandi (2013), alerta para os conhecimentos fonéticos e fonológicos.

Uma importante abordagem apresentada no artigo é a diferença de variação linguística e aquisição da variação¹² tendo em vista seu objeto de estudo as crianças, a autora Lorandi (2013) salienta a importância da criança como dados integradores dentro de uma comunidade.

A partir disso, Lorandi (2013) observa que a criança recebe um *input* variável da fala da mãe, já que é a principal cuidadora da criança. Ainda salienta que de acordo com os estudos de Roberts (1997) e de Smith, Durhan e Fortune (2007) a fala pode variar de contexto, por exemplo, em uma instrução ou disciplina, diferentemente em uma situação mais informal e descontraída.

Conclui-se, portanto, que as crianças sabem onde, quando e como usar suas variações linguísticas, dependendo do contexto. A questão está em como essa criança foi instruída no seu âmbito, ou seja, de que maneira são reforçadas pelo *input* (por exemplo, a mãe).

A partir desse teórico detalhado, a autora usa de seu objeto de estudo – variação na concordância verbal em que a variável escolhida é a não concordância verbal, contudo, no que tange a aquisição da linguagem.

Portanto, faz-se coleta de dado com crianças de cunho variacionista. Nessa coleta foram observadas as falas espontâneas e as de fala formal de acordo com as técnicas elaboradas pela entrevistadora.

Em outro dado momento a autora fez um levantamento de dados na planilha GOLDVARB para as classificações. Foram analisadas frases como “eles come” e “vai sujar minhas calça”. E de acordo com os dados coletados por Lorandi (2013), o fenômeno favorecedor para a não concordância verbal é quando o sujeito está à direita do verbo.

Quando o sujeito é constituído por nome, a não concordância se apresenta favorável também: pronome (eles come); nome (aliens é monstro que não são humanos), outros (é duas que não faço).

¹² *Variação linguística*: estudo dentro de uma comunidade de fala levando em consideração adultos, adolescentes e crianças, mas podem trazer resultados diferentes, uma vez que contribuem para a manutenção ou mudanças de determinadas variantes. *Aquisição da variação*: relaciona-se como e quando determinada regra variável é adquirida pela criança. Este estudo considera a criança como membro da comunidade de fala.

Lorandi (2013) ainda observa a carência de estudo nesse campo de conhecimento e uma pesquisa com mais dados para serem investigados “como já comentamos, este estudo tem apenas a intenção de ser um exercício de pesquisa variacionista com um olhar para dados de fala infantil” (LORANDI, 2013, p. 158).

Uma constatação a se analisar é o fato da criança receber essa carga cognitiva da mãe em que o artigo *Contribuições para o aprimoramento da Provinha Brasil enquanto instrumento diagnóstico do nível de alfabetização e letramento nas séries iniciais* (2013) também constata aquisição da variação através das pessoas mais próximas.

Interligando fatos de um trabalho a outro, a saber, que a Provinha Brasil é uma avaliação diagnóstica do nível de habilidades de alfabetização e letramento que, assim como outros instrumentos avaliativos, apresenta limitações e incompletudes que podem prejudicar a abrangência dos resultados encontrados.

Com o intuito de colaborar para o aprimoramento desse instrumento, este artigo apresenta três aspectos relacionados à concepção e elaboração da Provinha Brasil: (i) avaliação e competência narrativa dos alfabetizando; (ii) o tratamento da variação linguística e (iii) formação do professor alfabetizador.

A partir do Projeto Ler+Sergipe : leitura para o letramento e cidadania (Observatório da Educação 2010), o presente artigo buscou identificar a concepção de leitura subjacente aos documentos oficiais, aos indicadores de desempenho e às matrizes de competência, com o intuito de verificar as convergências e divergências e como estas estão relacionadas e influenciadas à habilidade de leitura do estudante. Assim, elegendo como instrumento de estudo a Provinha Brasil.

De acordo com o Ministério da Educação (MEC), a Avaliação de Alfabetização Provinha Brasil difere dos demais mecanismos avaliativos realizados pelo INEP, pois confere uma autonomia a professores e gestores na sua aplicação e na utilização dos seus resultados, pois fornecem respostas diretamente aos alfabetizadores e gestores da escola.

Alguns teóricos veem a Provinha Brasil com ressalvas, por exemplo, Esteban (2009) diz que a Provinha Brasil possui um caráter reducionista e desqualifica o professor. E ainda não é selecionado de acordo com o meio que vive, colocando assim todas as crianças num mesmo contexto e desconsiderando as diferenças existentes.

Já Cristofolini (2010, 2012) analisa o foco exclusivo dado à alfabetização, mas não contempla a diversidade sociocultural do Brasil. Morais, Leal e Albuquerque (2009, p. 302) consideram a necessidade de uma análise cuidadosa sobre o que está sendo feito na sala de aula de alfabetização visando um ensino eficiente que garante o direito de aprender.

Apesar da Provinha Brasil contribuir para o avanço do ensino de alfabetização, ainda consiste em lapidar esse instrumento diagnóstico.

Neste sentido, pode-se perceber uma coerência com o artigo *Uma reflexão crítica sobre a teoria sociolinguística* (2010) a negação da variação linguística e o preconceito.

Na competência – narrativa dos alfabetizando – a narrativa não se realiza apenas nos textos literários, mas também em situações funcionais variadas e contextos comunicativos verbais, visuais ou mistos. As narrativas são gêneros muito interessantes na prática escolar, pois permitem o direcionamento adequado da fala ou escrita. Porém, apesar de sua importância para o desenvolvimento da competência de comunicativa, de habilidades físicas, psicossociais e cognitivas, os documentos norteadores das práticas educativas no Brasil não apresentam protocolos de avaliação padronizados que possibilitem ao professor acompanhar o desenvolvimento linguístico de seus alunos.

Nesse quesito a considerar na narrativa, o artigo *Aquisição da variação: a interface entre aquisição da linguagem e a variação linguística* (2013) trabalha com narrativas espontâneas para buscar dados da criança e defende que ao entrar em contato com formas mais informais, a criança é mais espontânea na sua fala.

Ainda na pesquisa crítica sobre a sociolinguística de Freitag, Almeida e Rosário (2013) as narrativas são utilizadas como uma forma de analisar o comportamento linguístico das crianças, pois, ao contar e ouvir histórias elas estabelecem uma relação direta com o desenvolvimento da linguagem.

Outro aspecto a ser considerado é a variação linguística na Provinha Brasil. Aponta que a variação linguística não faz parte das habilidades avaliadas por esse instrumento. Em domínio do sistema de escrita, que avalia a capacidade de o alfabetizando estabelecer relação entre unidades sonoras e suas representações gráficas, aponta como detalhamento da habilidade e exemplificação apenas contextos cuja correspondência grafofonêmica é unívoca: “letras que possuem

correspondência única (ex: p, b, t, d, f)" ou correspondência não unívoca: "letras com mais de uma correspondência sonora (ex: c ,g)".

Não há concordância quanto à faixa etária em que a criança aprende a fazer os ajustes estilísticos aos vários contextos de língua em uso. A criança, por estar inserida em um contexto social constituído por redes de relações (familiares, comunitárias,paritárias, etc.), está exposta à diversidade linguística e vai constituindo sua variedade com base naquelas às quais está exposta. A infância é a primeira faixa etária inherentemente variável, poistomam por base a fala de indivíduos mais velhos do seu círculo familiar como modelo. Estudos sociolinguísticos cotejando a fala de adultos e crianças apontam os mesmos condicionamentos, o que, segundo Eckert (1997), sugere que certos padrões da língua não podem ser aprendidos depois de certa idade, o que também é uma evidência de que o desenvolvimento da competência (socio)linguística dá-se cedo. Entretanto, estudos sobre variação linguística na infância são ainda escassos, o que não garante uma margem de segurança para generalizações.

Verificamos nesse conceito que a autora Lorandi (2013) de outro artigo, chegou à mesma conclusão de que as crianças já alimentam as variações de seu meio.

Do ponto de vista sociolinguístico, na Provinha Brasil, barrar a variação é antinatural. Em um dado momento, o alfabetizando vai se deparar com o fato de que o que ele está aprendendo como conteúdo curricular diverge do seu uso, numa situação artificializante. As autoras defendem, com base nos pressupostos da Sociolinguística (cf. Freitag, 2011), que a alfabetização não pode ser isolada, o trabalho deve focar a consciência fonológica a partir do contato entre a variedade linguística que o aprendiz traz de casa e a variedade ensinada na escola.

Relaciona-se, portanto, a questão fonológica de que as autoras Carmo e Tenani (2013) também acham importantes como método de avaliar as variações na língua.

Ainda no tocante artigo da Provinha Brasil, o último aspecto considerado é a formação do professor e seu preparo para a aplicação.

Seguindo as habilidades da Provinha Brasil apresentadas nos descriptores de competências, quatro conceitos fazem-se necessários e fundantes à prática pedagógica do professor alfabetizador: alfabetização,consciência fonológica,

letramento e gêneros textuais. Logo, para o instrumento de diagnóstico ser produtivo às suas finalidades preconizadas, o professor alfabetizador e/ou o aplicador da Provinha Brasil precisa ter uma formação profissional centrada nas concepções linguísticas que norteiam a elaboração do instrumento.

Para tanto, as autoras pesquisaram o perfil dos cursos de Pedagogia no âmbito do projeto Ler+Sergipe: Leitura e letramento para a cidadania.

As entrevistas realizadas com os docentes que aplicaram a Provinha Brasil em 2011 apontam que todos são oriundos de uma das sete instituições que oferecem tal formação no Estado, por isso, acreditam ser necessário saber quais pressupostos linguísticos alicerçam os cursos de Pedagogia em Sergipe.

As autoras Freitag, Almeida e Rosário (2013) constaram incongruências entre o que é ensinado nos cursos de Pedagogia do Estado de Sergipe e o que é cobrado do aluno na Provinha Brasil. Ressaltam que, não que elas acreditam que a Provinha Brasil esteja na grade de conteúdo, mas a ausência dessas concepções faz com que seja um empecilho para que os alunos aprendam a ler proficientemente e na idade adequada.

No artigo *As vogais médias pretônicas na variedade do noroeste paulista: Uma análise sociolinguística* (Carmo; Tenani, 2013) trata de estudos variacionista em uma região particular, a saber, Noroeste paulista.

Neste estudo, as autoras se deparam com as variantes linguísticas e sociais, no entanto, a variação social é logo descartada por não apresentar maiores influências.

O artigo descreve a partir de trabalho de Silveira (2008) e de Carmo (2009) as vogais médias pretônicas em *nomes* e em *verbos*, respectivamente. As vogais objeto desse estudo são /e/ e /o/ que ocorre um *alçamento vocálico*, como /i/ e /u/ em *m[i]nino* e *c[u]nsertar*. Processo por que passa, sobretudo, pela harmonização vocálica de acordo com Câmara Jr (2007); Bisol (1981) e redução vocálica conforme Abaurre-gnerre (1981) como em *p[ik]eno* e *al[mu]çar*.

Observou-se, no entanto, que há uma *harmonização vocálica* nos substantivos quando da presença de uma sílaba forte posterior, ocorrendo o fenômeno – alçamento vocálico. E uma *redução vocálica* devido à articulação das consoantes. Portanto, são objetos de estudo pelo fato de marcarem uma variação dialetal.

Com base na fundamentação teórica, de Câmara Jr (2007), em um estudo das vogais pretônicas no Português Brasileiro afirma ter sete vogais orais, e com o alçamento das vogais, observaram-se cinco vogais orais.

Assim sendo, Carmo e Tenani analisaram as falas de 38 entrevistados de ambos os sexos, diferentes faixa etária e grau de escolaridade, e considerando para o teor do estudo apenas as *narrativas de experiência pessoal*.

Para a análise do fenômeno em questão foram utilizado dez de natureza linguística e três de natureza social na qual as autoras enumeram todas as variantes e põe em uma discussão de dados e análises para quantificar o processo da pesquisa. Colocaremos apenas quatro das dez seleções para não se estender muito: (i) *altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo*, para as vogais /e/ e /i/, sendo ambas em primeiro lugar nas ocorrências; (ii) *conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre*, para a vogal /e/ em segundo lugar e /o/ em terceiro; (iii) *estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre*, a vogal /o/ fica em segundo lugar apresentando um desfavorecimento para /e/ (6º lugar); e (iv) *grau de tonicidade da pretônica-alvo* em que /e/ está em 3º lugar na ocorrência e /o/ em 6º. A respeito da variante: faixa etária, ponto de articulação da consoante subsequente à pretônica-alvo e classe gramatical, o programa GOLDVARB-X descarta.

Outro processo de verificação para o fenômeno de alçamento foi quanto ao aspecto nasal em que não favorecia o alçamento como em d[e]ntista, já em sílabas mais aberta constata o alçamento: par[i]cia. Para a vogal /o/ o elemento desfavorável também é a nasalização como em v[o]ntade, em contrapartida p[o]rtão não tem nasalidade e no entanto se mostra neutra. Porém em sílabas como s[u]fri se mostra favorecedora para o alçamento.

Nas variáveis sociais não apresentaram um comportamento relevante, mas as autoras do artigo analisaram alguns resultados encontrados. Constataram que homens são mais propícios ao alçamento vocálico. E quanto à faixa etária, a idade favorecedora do fenômeno é de 36 a 55 anos e em segundo lugar de 7 a 15 anos. Apesar das diferenças do alçamento da vogal /e/ é bem próximo, o estudo por elas realizado não permite uma afirmação que a vogal mude. Elas observam que a variante /o/ não foi objeto de estudo nesse quesito por se apresentar estável no processo.

No que tange à escolaridade, o que mais favoreceu para o fenômeno foi o primeiro ciclo do Ensino Fundamental. Elas também observaram incongruências entre o Peso Relativo e as porcentagens, caso esse que elas não puderam explicar e ressaltam que para futuros trabalhos precisam ser investigados mais detalhadamente os perfis sociais.

No campo da sociolinguística o trabalho *Língua, discurso e política* (2009) aborda sob o ângulo da política e do discurso e como é utilizada a língua. Apresentou uma particularidade abordada, mas na variação linguística em que trata todos os artigos aqui estudos e relatados em uma breve descrição, tocam no assunto do preconceito linguístico, ainda que este artigo não se aprofunde.

Primeiramente Fiorin (2009) inicia suas ideias explanando o que seria “política” na visão tradicional, citando política como forma de poder governamental, logo após, ele dá ênfase a outros quatro pontos onde a “política” não adota somente esse campo tradicional de sentido, e sim outros, onde se coloca em relação à língua, discurso e política.

É feito um estudo sobre as quatro relações entre política, discurso e língua:

- A natureza intrinsecamente política da linguagem: a partir de uma política de linguagem, isto é, a capacidade de comunicação através da língua entre os homens, surge o discurso, sendo esta a atividade verbal dentro da sociedade.
- As relações de poder entre as línguas e a dimensão política de seu uso: no seu uso podemos entender que os enunciados e discursos produzidos pelo sujeito são ideológicos, pois são respostas à interação social em que estão inseridos.
- As relações de poder entre os discursos e sua dimensão política: coloca que todo objeto é cercado por discurso e por palavras, dessa forma, o discurso interage com outro discurso, e cada palavra é cercada por outra palavra, colocando o dialogismo como modo real de funcionamento da linguagem e também como algo essencial para seu funcionamento.
- As políticas linguísticas: é quando a língua é criada por algum motivo político de uso no cotidiano que determina certos caracteres de discurso. Colocam-se dessa forma as diferentes formas de variantes linguísticas que auxiliam na classificação ou até a exclusão de uma sociedade, gerando preconceitos linguísticos sobre as diversas variedades que a língua adota.

O autor aponta ao final dos estudos que a política adota sentidos amplos, pois não é uma forma de poder único e sim múltiplo, como os estudados acima, que determinam a política como uma organização discursiva e de constante circulação. Envolvendo a língua, pode servir como forma de exclusão ou aceitação de um indivíduo por causa de sua variedade linguística (preconceito linguístico).

SÍNTESE DOS RESULTADOS

No artigo *Contribuições da sociolinguística ao ensino do português em comunidades bilíngues do norte do Uruguai* (2010) a autora aborda implicações pertinentes à premissa de que é necessário avaliar a questão de considerar o bilinguismo uruguai e desenvolver no currículo de ensino de português. Defende também a importância de uma pedagogia sensível às comunidades que possuem a diversidade linguística. Até mesmo para não comprometer o aprendizado do aluno e este não sofra com a estigmatização idiomática e dessa forma comprometendo o rendimento escolar.

Os resultados obtidos no artigo *Uma reflexão sobre a teoria sociolinguística* (2010) percebe-se que a autora do artigo recorre ao teórico “Du bois” que aborda na sua concepção uma alternativa para as versões ortodoxas rígidas. Sugerem-se dessa forma as ideias de outro teórico, Eckert, pois seu terceiro ciclo é a forma mais consistente de afirmar que a língua é adaptativa.

Nessa perspectiva têm por objetivo buscar algo que fosse capaz de lidar com a interação entre as forças internas e externas sobre o indivíduo, a fim de haver uma resolução da competição entre as variantes que as envolve.

Em *Notas sobre a presença de Mead na obra de Habermas* (2013), Habermas através de seus estudos sobre interação entre indivíduos e com base dos estudos realizados por Mead faz crítica da maneira como Mead enxerga a comunicação linguística, pois Mead coloca em ênfase a ação da fala para a socialização do sujeito.

Habermas em sua teoria coloca que a linguagem e sua função de entendimento é o mediador entre os indivíduos, havendo através da língua uma

socialização e compreensão subjetiva do mundo por parte de cada um dos indivíduos.

Na pesquisa *Aquisição da variação: a interface entre a aquisição da linguagem e variação linguística* (2013) a autora observa a importância do estudo da Sociolinguística e com sua pesquisa vem a contribuir na questão do estudo entre crianças, uma vez que outros estudos estão pautados em pesquisas entre adultos. Também ressalta que com sua pesquisa pôde perceber a questão da aquisição linguística da criança e que ela sim é um objeto de estudo a ser considerado, pois também participam das variações linguísticas, sobretudo como seres modificadores.

No artigo *Contribuições para o aprimoramento da Provinha Brasil enquanto instrumento diagnóstico do nível de alfabetização e letramento nas séries iniciais* (2013) há uma divergência entre a competência narrativa do alfabetizando e o seu nível de alfabetização no instrumento de diagnóstico, com a necessidade de revisão dos descritores de competências e habilidades, a fim de captar as nuances da competência narrativa. Foi apresentado um instrumento complementar de diagnóstico da competência narrativa que pode auxiliar o professor alfabetizador em sua prática pedagógica. A variação linguística presente na vida do indivíduo a partir do momento que ele nasce e se integra a uma dinâmica de agrupamento social está ausente dos descritores de competências e habilidades do instrumento de diagnóstico da alfabetização.

As autoras notaram a ausência de estudos mais específicos nesta área, mas as bases sociolinguísticas que norteiam os documentos oficiais, tais como os PCN de Língua Portuguesa (Brasil, 1997), reforçam a necessidade de inclusão do tratamento da variação. A análise dos programas dos cursos de formação de professores alfabetizadores aponta descompasso entre o que é ensinado nos

Como resultados, o trabalho de *Interferência da língua falada na escrita de crianças: processos de apagamento da oclusiva dental /d/ e da vibrante /r/* (2009) ficou constatado que o sexo masculino e as palavras polissílabas são fatores que influenciam, de forma parcial, a realização da variável dependente /n/ e que os verbos e os níveis de escolarização são elementos condicionadores para o cancelamento da vibrante final /r/ na escrita de crianças do Ensino Fundamental (3º ao 5º ano).

A variável orientação pedagógica não foi apresentada como uma variável condicionante para a realização das variáveis /ndo/ e /r/.

As médias de erro dos estudantes em ambos os fenômenos foram baixas, sendo a média de cancelamento da dental /d/ ainda mais baixa. Assim sendo, não podem ser consideradas como grandes problemas ortográficos em turmas de 3º ao 5º ano.

No caso do apagamento da vibrante /r/, a escolaridade é uma variável que se torna cada vez mais presente à proporção que os alunos vão subindo de série.

Resultaram das pesquisas *As vogais médias pretônicas na variedade do noroeste paulista: uma análise sociolinguística* (2013) um favorecimento pela harmonização o alçamento vocálico nas vogais selecionadas, /e/ e /o/. Fato esse que corroboraram para os trabalhos de Bisol (1981).

Outro resultado observado é a respeito dos verbos, principalmente os de terceira conjugação. Nesta determinante, foi observado o alçamento nos verbos que ocorrem harmonização vocálica na raiz verbal de mesmo paradigma.

Na redução vocálica foram coletados dados a serem considerados sobre a vogal /e/; ainda que não apresentem fortes influências como o alçamento, a questão de articulação da consoante seguinte é um caso a ser considerado. Entretanto, na vogal /o/ observaram uma forte influência para consoante labial na posição precedente ou seguinte, favorecendo o alçamento.

Na estrutura silábica, o alçamento é inibido, sobretudo nas nasaladas. E as variáveis sociais não exerceram maiores influências.

No artigo *Língua, discurso e política* (2009) concluiu seus estudos com base nos pensamentos de alguns teóricos como Barthes, Foucault que colocam que: o poder é transmitido através da linguagem (língua), sendo também política, pois sujeita quem fala as suas regras. Coloca-se também que os discursos operados dentro da sociedade emitem de certa forma o poder. Desta forma, conclui-se que a língua não se mantém neutra na comunicação, pois de certa forma transmite poder e politicagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de realizadas as pesquisas, pôde-se constatar que ainda há muito que ser explorados no campo da sociolinguística, fato esse a ser considerado, está na quantidade de estudos pesquisados e registrados no periódico no site *Scielo* entre os anos de 2009 a 2014. Levando em consideração que um dos autores ainda não têm suas pesquisas concluídas, Lorandi (2013), na qual afirmou que ainda se tem muito a desenvolver em seu trabalho.

Sob os aspectos do conhecimento aqui abordado, obtivemos uma quantidade pequena do que se produz no Brasil. Isso vem a ressaltar que a autora Carvalho (2010) também concorda que há muito a ser estudado e explorado. Outra relevante questão está no estudo entre crianças, em que os autores tiveram dificuldades de teóricos nesse quesito e por essa ausência, optou-se por teóricos aplicados em adultos, mas transportando para a linguística da criança.

Dessa forma, atestamos que o preconceito linguístico ainda é muito forte, e está enraizado em nossa cultura, mas com riqueza de estudos, análises e pesquisas, poder-se-á obtiver muitas respostas no que tange a linguística.

REFERÊNCIA

- ABAURRE-GNERRE, M. B. M. **Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil.** *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.2, p.23-44, 1981.
- ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade.** *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.113, p.51-64, jul. 2001.
- BAGNO, Marcos. 2000. **Novela sociolinguística.** 5. ed. São Paulo: Contexto.
- BISOL, L. **Harmonia vocálica: uma regra variável.** 1981. 280f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne & MORAES, João. 2002. **Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /R/ no português do Brasil.** In: Ingere G.
- CAMACHO, Roberto Gomes. **Uma reflexão crítica sobre a teoria sociolinguística.** *DELTA*, São Paulo, v. 26, n. 1, 2010. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-4450201000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 28 maio 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-4450201000100006>.

CÂMARA JÚNIOR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CARMO, M. C. **As vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista**. 2009. 119f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.

CARMO, Márcia Cristina do; TENANI, Luciani Ester. **As vogais médias pretônicas na variedade do noroeste paulista: uma análise sociolinguística**. Alfa, rev. linguíst. (São José Rio Preto), São Paulo, v. 57, n. 2, 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-57942013000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 25 maio 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-57942013000200012>.

CARVALHO, Ana Maria. **Contribuições da sociolinguística ao ensino do português em comunidades bilíngues do norte do Uruguai**. Pro-Posições, Campinas, v. 21, n. 3, dez. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-7307201000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 28 maio 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-7307201000300004>.

COUTINHO, Ismael de Lima. 1976. **Pontos de gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.

CRISTOFOLINI, Carla. **Algumas considerações a respeito do letramento na Provinha Brasil. Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 25-35, 2010.

CRISTOFOLINI, Carla. **Refletindo sobre a Provinha Brasil a partir das dimensões sociocultural, linguística e cognitiva da leitura**. Alfa: Revista de Linguística, São Paulo, v. 56, n. 1, p. 217-247, 2012.

ECKERT, Penelope. **Ages as a sociolinguistic variable**. In: COULMAS, F. (Ed.). The handbook of sociolinguistics. Oxford: Blackwell, 1997. p. 151-167. Disponível em: <http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?id=g9780631211938_chunk_g97806312119381>.

- ESTEBAN, Maria Teresa. **Provinha Brasil: desempenho escolar e discursos normativos sobre a infância**. Sísifo: Revista de Ciências da Educação, Lisboa, n. 9, p. 47-56, maio/ago. 2009.
- FIORIN, José Luiz. **Língua, discurso e política**. Alea, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, jun. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2009000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 28 maio 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-106X2009000100012>.
- FREITAG, Raquel MeisterKo; ALMEIDA, AyaneNazarela Santos; ROSARIO, Mônica Maria Soares. **Contribuições para o aprimoramento da Provinha Brasil enquanto instrumento diagnóstico do nível de alfabetização e letramento nas séries iniciais**. Rev. Bras. Estud. Pedagog., Brasília , v. 94, n. 237, ago. 2013 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812013000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 25 maio 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S2176-66812013000200004>.
- GUY, G.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007
- LORANDI, Aline. **Aquisição da variação: a interface entre aquisição da linguagem e variação linguística**. Alfa, rev. linguíst. (São José Rio Preto), São Paulo, v. 57, n. 1, 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-57942013000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 25 maio 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-57942013000100007>.
- MARTINS, Iara Ferreira de Melo. **Apagamento da oclusiva dental /d/: perspectivas variacionista e fonológica**. 2004. In: Demerval da Hora. Ed.. *Estudos sociolinguísticos: Perfil de uma comunidade*. João Pessoa, 55-82.
- PENITENTE, Luciana Aparecida de Araújo. **Notas sobre a presença de Mead na obra de Habermas**. Trans/Form/Ação, Marília, v. 36, n. spe, 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732013000400013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 maio 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31732013000400013>.
- ROBERTS, J. **Acquisition of sociolinguistic variation**. In: BALL, M. J. (Ed.). *Clinical Sociolinguistics*. Oxford: Blackwell, 2005. p.153-164.

- _____. **Child language variation.** In: CHAMBERS, J.; SCHILLING-ESTES, N.; SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. **Sobre a concordância de número no português falado do Brasil.** In: RUFFINO, G. (Org.). *Dialettologia, geolinguistica, sociolinguistica*. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Universitá di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998. v.5. p.509-523.
- SMITH, J.; DURHAM, M.; FORTUNE, L. **“Mam, my trousers is fa’in doon!”: community, caregiver, and child in the acquisition of variation in a Scottish dialect.** *Language Variation and Change*, Cambridge, v.19, p.63-99, 2007.
- SILVEIRA, A. A. M. **As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista.** 2008. 143f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.
- SOUSA, Socorro Cláudia Tavares de. **Interferência da língua falada na escrita de crianças: processos de apagamento da oclusiva dental /d/ e da vibrante final /r/.** DELTA, São Paulo, v. 25, n. 2, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502009000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 28 maio 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502009000200009>.
- TRUDGILL, P. (Ed.). **Handbook of language variation & change.** Oxford: Blackwell, 2002.
- WALTERMIRE, Mark. **Social and linguistic correlates of Spanish and Portuguese bilingualism on the Uruguayan-Brazilian border.** Tese (Doutorado) — University of New Mexico, 2006..